

PRÓLOGO

No ano de 1830, após a formação do Congresso das Vias Estelares, uma nave-batedora robô enviou um relatório por ansível: O planeta que ela investigava estava bem situado nos parâmetros para a vida humana. O planeta mais próximo com algum tipo de pressão populacional era Baía; o Congresso das Vias Estelares concedeu-lhes a licença de exploração.

E foi assim que os primeiros seres humanos a verem o novo mundo falavam a língua portuguesa, eram de cultura brasileira, e de crença católica. No ano de 1886, eles desembarcaram de sua nave auxiliar, fizeram o sinal da cruz, e chamaram o planeta de Lusitânia — o antigo nome de Portugal. Eles se puseram a catalogar a flora e a fauna. Cinco dias depois, perceberam que os pequenos animais da floresta que eles tinham chamado de “porquinhos” não eram animais em absoluto.

Pela primeira vez, desde o Xenocídio dos Abelhudos realizado pelo monstruoso Ender, os humanos haviam encontrado vida alienígena inteligente. Os porquinhos eram tecnologicamente primitivos, mas usavam ferramentas, construíam casas e falavam uma língua.

Orson Scott Card

— É uma nova chance que Deus nos deu — declarou o Arcebispo Pio da Baía. — Podemos nos redimir da destruição dos abelhudos.

Os membros do Congresso das Vias Estelares adoravam muitos deuses, ou nenhum, mas eles todos concordaram com o Arcebispo. Lusitânia seria colonizada a partir de Baía e, portanto, sob Licença Católica, como exigia a tradição. Mas a colônia nunca poderia se expandir além de uma área limitada, nem permitir que sua população excedesse um certo limite. E ela estava restringida, acima de tudo, por uma lei:

Os porquinhos não deviam ser perturbados.

1

PIPO

Como ainda não nos sentimos totalmente confortáveis com a idéia de que as pessoas da vila vizinha sejam tão humanas quanto nós, é de extrema presunção supor que jamais poderíamos olhar para criaturas sociais e fazedoras de ferramentas, e que se ergueram a partir de outros caminhos evolucionários, e ver não animais mas irmãos, não rivais mas companheiros de peregrinação na jornada até o altar da inteligência.

Todavia, é isso o que vejo, ou anseio ver. A diferença entre *raman* e *varelse* não está na criatura julgada, e sim na criatura que faz o julgamento. Quando declaramos que uma espécie alienígena é *raman*, isso não significa dizer que *eles* ultrapassaram o limiar da maturidade moral. Significa que *nós* o ultrapassamos.

— Demóstenes, *Carta aos Framlings*

Fuçador era ao mesmo tempo o mais difícil e o mais prestativo dos pequeninos. Estava sempre lá quando Pipo visitava a sua clareira, e se esforçava ao máximo para responder as questões que Pipo era proibido por lei de perguntar diretamente. Pipo dependia dele — e em demasia, provavelmente — e ainda que Fuçador fizesse palhaçadas e brincadeiras como o jovem irresponsável que era, ele também observava, sondava, testava. Pipo sempre tinha que tomar cuidado com as armadilhas que Fuçador armava para ele.

Até um momento atrás Fuçador estivera rebolando ao subir nas árvores, agarrando o tronco apenas com as almofadas cascudas que existem em seus tornozelos e na parte interna das coxas. Em suas mãos carregava dois pedaços de pau — Paus Pais, como eram chamados — que ele batia contra a árvore em um padrão cativante e arritmico, enquanto trepava.

Orson Scott Card

O barulho fez Mandachuva sair da casa de troncos. Chamou Fuçador na língua dos machos, e depois em português.

— Pra baixo, bicho!

Vários porquinhos que se encontravam por perto, ao ouvirem o jogo de palavras em português, expressaram a sua apreciação esfregando vivamente as coxas juntas. Isso produzia um ruído sibilante, e Mandachuva deu um pulinho no ar, feliz com o aplauso.

Nesse meio tempo, Fuçador inclinou-se para trás, até parecer certo que ele fosse cair. Então se projetou com as mãos, deu uma cambalhota no ar e pousou em pé, tropeçando algumas vezes, mas sem cair.

— Então agora você é um acrobata — Pipo disse.

Fuçador caminhou todo posudo até ele. Era o seu jeito de imitar os humanos. E ainda mais efetivo como zombaria, porque o seu focinho achatado e voltado para cima parecia decididamente porcino. Não era de admirar que os habitantes de foramundo os chamassem de “porquinhos”. Os primeiros a visitarem esse mundo haviam começado a chamá-los assim nos primeiros relatórios, em 86, e à época em que a Colônia Lusitânia foi fundada em 1925, o nome se tornara indelével. Os xenólogos espalhados pelos Cem Mundos escreveram sobre eles chamando-os de “aborígenes lusitanianos”, embora Pipo soubesse perfeitamente que isso era meramente uma questão de dignidade profissional; exceto nos textos científicos, sem dúvida os xenólogos também os chamavam de porquinhos. Quanto a Pipo, ele normalmente os chamava de pequeninos, e eles não pareciam se opor, pois agora chamavam a si mesmos desse modo. Ainda assim, dignidade ou não, não havia como negar. Em momentos como este, Fuçador parecia um leitão em pé sobre as patas traseiras.

— Acrobata — Fuçador disse, testando a nova palavra. — O que foi que eu fiz? Vocês têm uma palavra para as pessoas que fazem isso? Então há pessoas que fazem isso como seu *trabalho*?

Pipo suspirou em silêncio, no mesmo instante em que congelava o sorriso na cara. A lei o proibia estritamente de partilhar informações sobre a sociedade humana, temendo que ele viesse a contaminar a cultura dos porquinhos. Ainda assim, Fuçador fazia um jogo

Orador dos Mortos

constante, em que espremia a última gota de implicação de tudo o que Pipo dizia. Desta vez, porém, Pipo não tinha a quem culpar senão a si mesmo, por ter deixado escapar um comentário bobo que abria janelas desnecessárias para a vida humana. De vez em quando, ele se sentia tão confortável entre os pequeninos, que falava com naturalidade. Sempre um perigo. “Não sou bom neste jogo constante de obter informações tentando não dar nada em troca. Libo, meu filho de boca fechada, já é mais discreto do que eu, e tem sido meu aprendiz — por quanto tempo depois de fazer treze anos? — por apenas quatro meses.”

— Queria ter almofadas em minhas pernas, como vocês — Pipo disse. — O tronco daquela árvore rasgaria a minha pele em tiras.

— Isso nos envergonharia a todos.

Fuçador ficou imóvel, na postura expectante que Pipo imaginava ser o modo deles mostrarem ansiedade moderada, ou talvez um aviso não-verbal para que os outros pequeninos tomassem cuidado. Poderia também ter sido um sinal de medo extremo, mas até onde Pipo sabia, nunca tinha visto um pequenino demonstrar medo extremo.

Em qualquer caso, Pipo falou rapidamente, para acalmá-lo.

— Não se preocupe. Sou velho e mole demais para subir em árvores como essa. Deixo isso para vocês, filhotes.

E funcionou; o corpo de Fuçador de pronto se tornou móvel outra vez.

— Eu gosto de trepar em árvores. Posso ver tudo. — Fuçador se agachou diante de Pipo e inclinou o rosto mais para perto. — Você vai trazer o bicho que corre sobre a grama sem tocar o chão? Os outros não acreditaram em mim, quando disse que vi uma coisa dessas.

Outra armadilha. “E então, Pipo, xenólogo, você vai *humilhar* este indivíduo da comunidade que está estudando? Ou vai aderir à rígida lei fornecida pelo Congresso das Vias Estelares, para governar este contato?” Havia poucos precedentes. Os únicos outros alienígenas inteligentes que a humanidade havia encontrado foram os abelhudos, três mil anos atrás, e no fim das contas os abelhudos estavam todos mortos. Desta vez o Congresso das Vias Estelares se

Orson Scott Card

certificava de que, se a humanidade errasse, seus erros estariam na direção oposta. Informação mínima, contato mínimo.

Fuçador reconheceu a hesitação de Pipo, o seu silêncio cuidadoso.

— Você nunca conta nada pra gente — Fuçador disse. — Você observa e estuda a gente, mas nunca deixa a gente passar da sua cerca e ir até a vila pra observar e estudar *vocês*.

Pipo respondeu tão honestamente quando pôde, mas era mais importante ser cuidadoso do que honesto.

— Se vocês aprenderam tão pouco, e nós aprendemos tanto, por que é que falam tanto stark quanto português, enquanto eu ainda luto com a sua língua?

— Nós somos mais espertos. — Então Fuçador se inclinou para trás e girou sobre suas nádegas, de modo a dar as costas a Pipo. — Volte para atrás da sua cerca — disse.

Pipo levantou-se de imediato. Não muito longe dali, Libo estava junto de três pequeninos, tentando aprender como eles teciam vinhas secas de merdona em sapê. Viu Pipo, e em um instante estava com seu pai, pronto para partir. Pipo o conduziu para longe sem uma palavra; já que os pequeninos eram tão fluentes nas linguagens humanas, eles nunca discutiam o que tinham aprendido, até estarem dentro do portão.

Levaram meia hora para chegar em casa, e chovia pesadamente quando eles passaram pelo portão e caminharam ao longo da face da colina até a Estação do Zelador. Zelador? Pipo pensou na palavra, enquanto olhava para a pequena placa acima da porta. Nela a palavra XENÓLOGO aparecia escrita em stark. “É isso o que eu sou — acho”, Pipo pensou, “pelo menos para os de foramundo”. Mas o título informal em português, *Zelador*, era tão mais fácil de se dizer, que em Lusitânia quase ninguém dizia *xenólogo*, mesmo quando falavam em stark. “É assim que as línguas mudam”, pensou Pipo. “Não fosse pelo ansível, fornecendo comunicação instantânea entre os Cem Mundos, não conseguiríamos manter uma linguagem em comum. A viagem interestelar é por demais rara e lenta. A stark se estilhaçaria em dez mil diale-

tos, em menos de um século. Poderia ser interessante usar os computadores para fazer projeções de mudanças lingüísticas em Lusitânia, se eles deixassem o stark decair e ser absorvido pelo português — ou vice-versa.”

— Pai — Libo disse.

Só então Pipo notou que havia parado dez metros longe da estação. Tangentes. “As melhores partes da minha vida intelectual são tangenciais, em áreas fora da minha especialização. Porque, suponho, dentro da minha área de especialização as regras que eles me impuseram tornam impossível eu saber ou compreender qualquer coisa. A ciência da xenologia insiste em mais mistérios do que a Madre Igreja.”

A impressão de sua palma bastava para destrancar a porta. Pipo sabia como a noite iria se desenrolar, no instante em que entrava para dar-lhe início. Os dois passariam várias horas trabalhando junto aos terminais, para reportar o que haviam feito durante o contato do dia. Pipo então lia as anotações de Libo, e Libo lia as de Pipo, e quando estivessem satisfeitos, Pipo escreveria um breve sumário e então deixaria os computadores prosseguirem a partir dali, organizando as anotações e também transmitindo-as instantaneamente, por ansível, aos xenólogos no resto dos Cem Mundos. “Mais de mil cientistas cujas carreiras inteiras estão sendo dedicadas ao estudo da única raça alienígena que conhecemos, e com exceção do pouco que os satélites conseguem descobrir sobre esta espécie arborícola, todas as informações que meus colegas têm é o que Libo e eu enviamos a eles. Isto definitivamente é uma intervenção mínima.”

Mas, quando entrou na estação, Pipo viu de imediato que não teria uma noite de trabalho intenso mas relaxante. Dona Cristã estava lá, vestindo seus hábitos monásticos. Será que uma das suas crianças mais jovens tinha arrumado encrenca na escola?

— Não, não — Dona Cristã disse. — Todos os seus filhos estão indo muito bem, exceto por este aqui, que eu acho que é jovem demais para estar fora da escola e trabalhando aqui, mesmo que seja como aprendiz.

Orson Scott Card

Libo não disse nada. “Uma decisão sábia”, Pipo pensou. Dona Cristã era uma jovem brilhante e cativante, e talvez até mesmo bonita, mas era antes e acima de tudo uma monja da ordem dos Filhos da Mente de Cristo, e não era bonita de se ver quando estava irada diante da ignorância e da estupidez. Era espantoso o número de pessoas bastante inteligentes, cuja ignorância e estupidez haviam de algum modo se derretido no fogo do seu desdém. “O silêncio, Libo, é uma política que vai te fazer bem.”

— Eu não estou aqui para discutir nenhum dos seus filhos — disse Dona Cristã. — Estou aqui por causa de Novinha.

Dona Cristã não tinha que mencionar o seu sobrenome; todo mundo conhecia Novinha. A terrível Descolada terminara apenas oito anos antes. A praga havia ameaçado varrer a colônia, antes que ela tivesse uma chance real de se firmar; a cura fora descoberta pelo pai e pela mãe de Novinha, Gusto e Cida, os dois xenobiólogos. Era uma ironia trágica que tivessem encontrado a causa da doença e o seu tratamento tarde demais para salvarem a si próprios. O deles foi o último funeral provocado pela Descolada.

Pipo claramente se lembrava da pequena Novinha, lá em pé segurando a mão da Prefeita Bosquinha, enquanto o Bispo Peregrino conduzia ele mesmo a missa fúnebre. Não... não segurando a mão da prefeita. O quadro retornou à sua mente, e, junto com ele, o modo como se sentira. “O que será que ela entende disto tudo?” — lembrou de ter se perguntado. “É o funeral de seus pais, ela é a última sobrevivente de sua família; e ainda é capaz de sentir à sua volta o grande júbilo do povo da colônia. Jovem como é, entende que nossa alegria é o melhor tributo que poderíamos fazer a seus pais? Eles lutaram e foram bem sucedidos, encontraram nossa salvação nos dias de fraqueza antes de morrerem; nós estamos aqui para celebrar a grande dádiva que eles nos deram. Mas para você, Novinha, é a morte de seus pais, assim como seus irmãos morreram antes. Quinhentos mortos, e mais de cem missas para os mortos desta colônia nos últimos seis meses, e todas elas foram rezadas em um clima de medo, pesar e desespero. Agora, com a morte de seus pais, o medo, o pesar e o

Orador dos Mortos

desespero não são menores para você, do que jamais o foram antes — mas ninguém mais partilha da sua dor. É o alívio da dor que surge primeiro nas mentes de todas essas pessoas.”

Observando-a, tentando imaginar seus sentimentos, ele conseguiu apenas reacender o seu próprio pesar pela morte da sua Maria, aos sete anos de idade, varrida pelo vento da morte que cobriu seu corpo de tumores cancerosos e fungos desenfreados, a carne inchando ou decaindo, um novo membro, nem braço nem perna, crescendo do seu quadril, enquanto a carne desprendia-se de seus pés e da cabeça, desnudando os ossos, seu corpo terno e bonito destruído diante dos seus olhos, enquanto a mente brilhante dela permanecia impiedosamente alerta, capaz de sentir tudo o que lhe acontecia até ela gritar a Deus para que a deixasse morrer. Pipo lembrou-se disso, e então se lembrou da missa, partilhada com cinco outras vítimas. Ao se sentar, ajoelhar-se e levantar-se, com sua esposa e os filhos que haviam sobrevivido, ele tinha sentido a perfeita unidade das pessoas na Catedral. Sabia que sua dor era a dor de todos, que com a perda de sua filha mais velha ele se via ligado à sua comunidade pelos laços inseparáveis do pesar, e isso *foi* um conforto para ele, algo no que se agarrar. Era assim que tal pesar deveria ser, um luto público.

A pequena Novinha não tivera nada disso. Sua dor era, se tanto, pior do que fora a de Pipo — ao menos Pipo não fora deixado sem familiares, e ele era adulto, não uma criança apavorada pela súbita perda dos alicerces da sua vida. Em seu pesar, ela não fora conduzida mais firmemente para dentro da comunidade; ao invés disso, fora excluída dela. Hoje todos se regozijavam, menos ela. Hoje todos elogiavam os seus pais; ela sozinha ansiava por eles, preferia que nunca tivessem encontrado a cura para os outros, se pudessem apenas ter continuado vivos.

Seu isolamento era tão agudo, que Pipo podia vê-lo de onde estava sentada. Novinha soltou-se da mão da prefeita assim que foi possível. Suas lágrimas secaram conforme a missa prosseguia; ao final, ela sentava-se em silêncio, como uma prisioneira que se recusava a cooperar com seus captores. O coração de Pipo se partiu por ela.

Orson Scott Card

Mas ele sabia que mesmo que tentasse, não conseguiria esconder sua própria gratidão pelo fim da Descolada, sua alegria pelo fato de que nenhum de seus outros filhos seria tirado dele. Ela veria isso; seu esforço em confortá-la seria uma zombaria e ele a teria empurrado ainda mais para longe.

Após a missa ela caminhou em amarga solidão por entre os grupos de pessoas bem-intencionadas que cruelmente lhe diziam que seus pais com certeza seriam santos, com certeza sentariam à mão direita de Deus. Que tipo de conforto é esse para uma criança? Pipo cochichou em voz alta, para a sua mulher:

— Ela nunca vai nos perdoar por este dia.

— Perdoar? — Conceição não era uma daquelas esposas que entendia instantaneamente a linha de raciocínio de seu marido. — *Nós não matamos os pais dela...*

— Mas hoje estamos todos felizes, não estamos? Ela nunca vai nos perdoar por isso.

— Besteira. Ela não entende, de qualquer modo; é jovem demais.

“Ela entende”, Pipo pensou. “Maria não entendia as coisas, quando era até mais jovem do que Novinha é agora?”

À medida que os anos se passavam — oito anos já — ele a vira de tempos em tempos. Ela tinha a idade do seu filho Libo, e até o aniversário de treze anos de Libo isso significava que eles estudaram em muitas classes juntos. Ele a ouviu dar palestras ou leituras, junto com outras crianças. Havia uma elegância na sua maneira de pensar, uma intensidade no modo como ela examinava as idéias, que tinham apelo junto a ele. Ao mesmo tempo, ela parecia ser totalmente fria, completamente distante de todos os outros. O próprio filho de Pipo, Libo, era tímido, mas ainda assim tinha vários amigos e conquistara a afeição de seus professores. Novinha, porém, não tinha qualquer amigo, ninguém cujo olhar ela buscasse, após um momento de triunfo. Não havia professor que genuinamente gostasse dela, porque ela recusava-se a retornar ou responder à afeição.

Orador dos Mortos

— Ela está emocionalmente paralisada — Dona Cristã disse certa vez, quando Pipo perguntou a respeito dela. — Não há meio de alcançá-la. Ela jura que se sente perfeitamente feliz, e não vê qualquer necessidade de mudança.

Agora Dona Cristã viera até a Estação do Zelador para falar com Pipo sobre Novinha. Por que Pipo? Ele só conseguia imaginar uma razão para a diretora da escola vir até ele para falar sobre essa garota órfã em particular.

— E devo acreditar que durante todos estes anos que você teve Novinha na sua escola, eu fui a única pessoa que perguntou a respeito dela?

— Não a única pessoa — ela disse. — Houve todo tipo de interesse nela uns dois anos atrás, quando o Papa beatificou os seus pais. Todo mundo perguntou então se a filha de Gusto e Cida, os venerados, já tinha notado eventos milagrosos associados aos seus pais, assim como tanta gente tinha.

— Eles realmente *perguntaram* isso a ela?

— Houve rumores, e o Bispo Peregrino teve de investigar. — Dona Cristã mostrou-se um pouco reticente, quando falou do jovem líder espiritual da Colônia Lusitânia. Mas, de qualquer maneira, dizia-se que a hierarquia nunca conviveu bem com a ordem dos Filhos da Mente de Cristo. — A resposta dela foi instrutiva.

— Posso imaginar.

— Ela disse, mais ou menos, que se seus pais estivessem realmente ouvindo às orações e tivessem qualquer influência no céu para que fossem atendidas, então por que eles não respondiam às orações *dela*, para retornarem da tumba? Esse teria sido um milagre útil, ela disse, e havia precedentes. Se os venerados tivessem realmente o poder de fazer milagres, então isso devia significar que eles não a amavam o suficiente para responder às suas orações. Ela preferia acreditar que seus pais ainda a amavam, e que simplesmente não tinham o poder de atuar.

— Uma sofista nata — Pipo disse.